

## “CANTA, POETA, A LIBERDADE, - CANTA”<sup>1</sup>: A VOZ POÉTICA AFRO-BRASILEIRA DE MARIA FIRMINA DOS REIS

Juliana Carvalho de Araujo de Barros (UNIP)<sup>2</sup>

**Resumo:** A poeta maranhense Maria Firmina dos Reis (1825-1917) é conhecida – ainda em um restrito círculo acadêmico – como uma das primeiras escritoras brasileiras. No entanto, mesmo a dona de uma voz tão ativa já no século XIX, foi silenciada e apagada das historiografias literárias brasileiras por mais de um século. Com Firmina, testemunhamos a mulher brasileira como um ser político. Dessa forma, pretendemos abordar as formas de resistência em sua obra poética, ainda muito pouco estudada e editada. Questionamos: por que, hoje, no século XXI, continua tão pouco lida, editada e estudada? Seu livro "Cantos à beira-mar" teve sua última edição em 1976. A quem ainda interessa esse silêncio em torno de um nome tão potente?

**Palavras-chave:** Maria Firmina dos Reis; Silenciamento; Poesia

A poeta maranhense Maria Firmina dos Reis (1825-1917) é conhecida – ainda em um restrito círculo acadêmico – como uma das primeiras escritoras brasileiras; mais precisamente: *Úrsula* foi o primeiro romance brasileiro de autoria feminina e negra. De acordo com Luiza Lobo (1993), é também o romance inaugural da literatura afro-brasileira, em que o negro deixa de ser objeto do olhar do outro – este branco, escravocrata, elitizado – e passa ser ele mesmo sujeito da criação, registrando sua própria visão de mundo. Além disso, para reforçar o pioneirismo de Maria Firmina, ela foi a décima primeira mulher brasileira a publicar poesias<sup>3</sup>. Em sua época, Firmina era mais conhecida como poeta, por publicar frequentemente nos periódicos maranhenses. Atualmente, quando lembrada, é como romancista, pelo ineditismo do romance *Úrsula*.

Publicou romances, contos, crônicas, poesias, charadas, colaborava com a imprensa local, foi compositora, recebeu o título público de mestra-régia; em 1881, fundou a primeira escola gratuita, mista e pública do Maranhão – o que foi um escândalo na época; sua contribuição social é extensa.

<sup>1</sup> Verso do poema “O meu desejo”, de *Cantos à beira-mar*, de Maria Firmina dos Reis (1871).

<sup>2</sup> Professora de Literatura na UNIP/DF. Graduada e Licenciada em Letras (UERJ), Mestre em Literatura Brasileira (UERJ), Doutora em Literatura Comparada e Teoria Literária (UERJ). Contato: jucarvalho0301@gmail.com.

<sup>3</sup> As primeiras dez poetisas brasileiras são: Maria Clemência da Silveira Sampaio (1823), Delfina Benigna da Cunha (1834), Ildefonsa Laura César (1844), Nísia Floresta (1849), Rita Barém de Mello (1855), Beatriz Francisca de Assis Brandão (1856), Rosa Paulina da Fonseca (1865), Adélia Josefina de Castro Fonseca (1866), Júlia Maria da Costa (1867), Clarinda da Costa Siqueira (1868). Dessa forma, vemos que a primeira poeta brasileira que publica seus versos surge apenas no século XIX, 48 anos antes de Maria Firmina publicar seus *Cantos à beira-mar* (1871).

Toda manhã, [Maria Firmina dos Reis] subia em um carro de bois para dirigir-se a um barracão de propriedade de um senhor de engenho, onde lecionava para as filhas do proprietário. Levava consigo alguns alunos, outros se juntavam. Um empreendimento ousado para época. Uma antiga aluna, em depoimento de 1978, conta que a mestra era enérgica, falava baixo, não aplicava castigos corporais nem ralhava, aconselhava. Era estimada pelos alunos e pela população da vila. Reservada, mas acessível, toda passeata dos moradores de Guimarães parava em sua porta. Davam vivas, e ela agradecia com um discurso improvisado. (TELLES, 1997, pp. 411-2)

No entanto, dois anos e meio depois de iniciada tal empreitada, Firmina se viu obrigada a interrompê-la por pressão externa, a escola mista foi considerada um escândalo para os padrões conservadores vigentes. É importante sublinhar o que a atitude consciente e transgressora de Firmina representava, principalmente, para as meninas que ela incluía nas aulas, a possibilidade de participação social, de ter voz, de expandir os limites domésticos, uma vez que, naquele momento, a educação que recebiam se restringia ao bordado, às tarefas do lar, ao piano, já a leitura era restrita a poucas e tinha objetivos religiosos.

A voz de Firmina cantou o desejo de liberdade de grupos subjugados: as mulheres e os negros. Com o romance abolicionista *Úrsula*, publicado em 1859 – muito antes de “o pai dos escravos”, Castro Alves, lançar seu *Navio Negreiro* (1869) –, o livro de Firmina tematizou as violências do regime escravocrata sob o ponto de vista do negro. No entanto, mesmo a dona de uma voz tão ativa já no século XIX, foi silenciada e apagada das historiografias literárias brasileiras – estas construídas por homens brancos e para homens brancos – por mais de um século, até José Nascimento Morais Filho redescobri-la e publicar, em 1975, *Maria Firmina, fragmentos de uma vida*. De acordo com Rafael Zin, em sua dissertação de mestrado sobre a trajetória intelectual de Maria Firmina,

Sílvio Romero (1943 [1888]), José Veríssimo (1981 [1916]), Ronald de Carvalho (1920), Nelson Werneck Sodré (1985 [1938]), Afrânio Coutinho (1986 [1959]), Antonio Candido (2000 [1959]) e Alfredo Bosi (1970), por exemplo, ignoram-na completamente. E mesmo um intelectual afrodescendente como Oswaldo de Camargo (1987), em sua coletânea *O negro escrito*, de suma importância para o resgate de escritores afro-brasileiros, não faz referência alguma a ela. Dentre outros expoentes da historiografia literária nacional, muitos fizeram o

mesmo, à exceção de Sacramento Blake (1970 [1883-1902]), que foi contemporâneo da autora; Raimundo de Menezes (1978 [1969]), que soube da existência de *Úrsula* logo após seu ressurgimento e que acabou incluindo um verbete sobre a escritora na segunda edição de seu *Dicionário Literário Brasileiro*; e Wilson Martins (2010b [1979]), que no terceiro volume de sua monumental *História da Inteligência Brasileira*, apenas cita seu nome em uma linha. (ZIN, 2016, p. 28)

Com Firmina, testemunhamos a mulher brasileira como um ser político, na contramão do discurso hegemônico. Sua ausência nas historiografias canônicas é mais potente que muitos nomes nelas presentes, uma vez que o silenciamento da voz da escritora revela um projeto político de caráter sócio ideológico e histórico: a tentativa de manter a todo custo os privilégios de uma elite que buscava uma identidade nacional para o recém independente Brasil, baseada nos padrões e ideais eurocêntricos. O índio figurar como herói nacional nos romances indianistas não era uma ameaça, pois o nativo brasileiro era um exilado em seu próprio país desde a invasão portuguesa às suas terras, em 1500. Já o negro representava um perigo real, o negro estava presente, ele era a classe escravizada, violentada. Portanto, o romance romântico *Úrsula* (1859) era transgressor, ameaçava a ordem vigente. Uma mulher negra, escritora e abolicionista, acrescente-se a isso o fato de ser pobre, professora e nordestina, de fato, era uma voz subversiva e poderia incomodar muitos poderosos, por isso deveria ser silenciada por trazer à tona temáticas perigosas para a conservação do *status quo* de uma sociedade escravocrata.

De acordo com Zahide Muzart, em “A questão do cânone”:

A mulher, no século XIX, só entrou para a História da Literatura como objeto. É importante, para reverter o cânone, mostrar o que aconteceu, quando o objeto começou a falar. Para isso, além do resgate, da publicação dos textos, é preciso fazer reviver essas mulheres trazendo seus textos de volta aos leitores, criticando-os, contextualizando-os, comparando-os, entre si ou com os escritores homens, contribuindo para recolocá-las no seu lugar na História. (MUZART, 1995, p. 90)

A importância e o pioneirismo de Maria Firmina dos Reis são inegáveis, no entanto, é ainda muito pouco estudada e editada. Questionamos: por que, ainda, no século XXI, continua tão pouco editada? Seu livro *Cantos à beira-mar* teve três edições apenas: em 1871, em 1976 e em 2017, essa última pela Academia Ludovicense de Letras (ALL). Por que seu nome não figura nos compêndios escolares e nas

historiografias literárias brasileiras? A quem ainda interessa esse silêncio em torno de um nome tão potente e vanguardista?

Autodidata, Firmina conquistou sua educação escolar em sua própria casa, como ela mesma nos conta em seu diário *Resumo de uma vida*:

De uma compleição débil e acanhada, eu não podia deixar de ser uma criatura frágil, tímida e, por consequência, melancólica: uma espécie de educação freirática veio dar remate a estas disposições naturais. Encerrada na casa materna, que só conhecia o céu, as estrelas e as flores que minha avó cultivava com esmero; talvez por isso eu tanto amei as flores; foram elas o meu primeiro amor. Minha irmã... minha terna irmã e uma prima querida foram as minhas únicas amigas de infância; e, nos seus seios, eu derramava meus melancólicos e infantis queixumes; por ventura sem causa, mas já bem profundos. (REIS apud MORAIS FILHO, 1975, s.p.)

O sentimento de não adequação e de sofrimento que reconhece em si será um traço constante do retrato que fará das mulheres em sua obra poética. Leiamos um trecho do poema “À minha extremosa amiga D. Ana Francisca Cordeiro”:

Sentes saudades da morada d'anjos,  
D'onde emanaste? enlangueces, gemes?  
É nostalgia o teu sofrer? de arcanjos  
Perder o afeto que te votam - temes?  
Ou temes, virgem - de perder na terra,  
Toda a pureza que tu'alma encerra!?...

Não, minha amiga - que a pureza tua  
Jamais o mundo poderá manchar:  
Límpida vaga a melindrosa lua,  
Vencendo a nuvem, que se esvai no ar,  
E mais amena, mais gentil, e grata  
Despede às águas refulgir de prata.  
(REIS apud MORAIS FILHO, 1976, s.p.)

A mulher, ainda que gema, que sofra, que tema, é retratada como um ser forte, pois, mesmo que o mundo tente manchar sua pureza, ela vencerá as adversidades e, por isso, será ainda maior do que antes: “mais amena, mais gentil, e grata” (REIS apud MORAIS FILHO, 1976, s.p.).

A mulher, em sua obra, é muito mais que objeto de desejo, é ser desejante também, como vemos nestas estrofes do poema “A uma amiga”:

No langor dos olhos dela  
Havia expressão tão bela,  
Tão maga, tão sedutora,  
Que eu mesmo julguei-a anjo,  
Eloá, fada, ou arcanjo,  
Ou nuvem nuncia d'aurora.

Eu vi - o seio lhe arfava:  
E ela... ela cismava,  
Cismava no que lhe ouvia;  
Não sei que frase era aquela:  
Só ele falava a ela,  
Só ela a frase entendia.  
Eu tive tantos ciúmes!...

Teria dos próprios numes,  
Se lhe falassem de amor.  
Porque, querê-la - só eu.  
Mas ela! - a outra ela deu  
meigo riso encantador...  
Ela esqueceu-se de mim  
Por ele... por ele, enfim.  
(REIS apud MORAIS FILHO, 1976, s.p.)

Em um contexto em que a mulher não tinha voz e era um ser doméstico e domesticado, Firmina ocupa um espaço público, um espaço quase exclusivamente ocupado por homens: escrever e publicar suas poesias tematizando mulheres sedutoras cujo seio arfava de desejo, mulheres que cismavam - “E ela... ela cismava” –, que teimavam, que queriam e tinham vontades próprias das quais não abriam mão - “Mas ela! - a outra ela deu/ meigo riso encantador...” (REIS apud MORAIS FILHO, 1976, s.p.).

Dizei-me, linda donzela,  
Gentil filha dos amores  
Se me amas, virgem bela,  
Se me cedes teus favores?...

Não, meu nobre senhor.  
Sou formosa, bem o sei:  
Sou pastora — meus afetos,  
A outro já tributei. [...]

Dar-te-ei rico colar,  
Bela c'roa de duquesa.  
Se mais podes desejar,

Metade da realeza.

Não, meu nobre senhor.  
Sou formosa, bem o sei:  
Sou pobre, mas meu amor,  
Por prêmio algum vos darei.  
(REIS apud MORAIS FILHO, 1976, s.p.)

A mulher que figura nas poesias de Firmina não está à venda, não é negociável, não está à espera de que um homem a escolha, porque ela escolhe, ela deseja, ela quer, independente das circunstâncias que a sociedade patriarcal e opressora a coloque: “sou pobre, mas meu amor,/ Por prêmio algum vos darei.” (REIS apud MORAIS FILHO, 1976, s.p.). A mulher é, assim, sujeito de seu desejo, invertendo os papéis sociais vigentes na época e colocando o homem como objeto de seu amor:

**NÃO ME ACREDITAS!**  
(A Pedido)

Não me acreditas!... acaso  
Há quem mais te possa amar?...  
Quem te renda mais extremos,  
Quem saiba mais te adorar!?... [...]

Acaso viste a teu lado  
Gozar alguém mais ventura?...  
Acaso ternas carícias,  
Cobraste de mais ternura?... [...]

Sinto em amar-te prazer;  
Porqu’o duvidas? — cruel!...  
Há quem mais vele teus dias,  
Quem mais te seja fiel?... [...]  
(REIS apud MORAIS FILHO, 1976, s.p.)

Interessante notar que o amor que a mulher sente não fica apenas no plano espiritual, mas se realiza na carne, pois ela também é sujeito da ação concreta: “Acaso ternas carícias,/ Cobraste de mais ternura?”. Sua voz também não se limita à posição de subalternidade e aceitação, mas questiona e acusa: “Porqu’o duvidas? – cruel!” (REIS apud MORAIS FILHO, 1976, s.p.). Além disso, o sofrimento que o mundo inflige a sua vida, os “ditames da sorte avessa, e dura”, tudo “que a terra lhe nega”, não subjugará sua mente, porque ela é livre, por isso, resistirá à colonização de seu corpo e de sua mente pelos preceitos sociais.

Entre o muito sofrer, que nos abate,  
Na íntima aflição,  
Desprende as longas asas, e divaga,  
A mente na amplidão.

Desse espaço infinito – e vê, e goza  
O que a terra lhe nega!  
Aos ditames da sorte avessa, e dura,  
Só a mente, não verga. [...]

Ao menos resta a mente ao infeliz  
A quem a sorte nega  
Até breve prazer!.. porque ela é livre,  
E a sorte, não se verga.  
(REIS apud MORAIS FILHO, 1976, s.p.)

É preciso questionar as regras sociais que silenciaram por mais de cem anos – e ainda a mantêm apagada – uma escritora da importância histórica, social e literária de Maria Firmina dos Reis. Firmina fere preceitos do cânone literário, tais como gênero, raça, classe social, posição política, geografia, por isso, ela não foi perdoada. Pobre, mulher, negra, nordestina, abolicionista. Morreu pobre e esquecida. Peito rebelde, ideias e ações perigosas, rompedora de grilhões sociais que confinavam mulheres ao lar e à vontade masculina, Firmina desejou quando poucas se atreviam e não se sujeitou:

Embalde! é loucura. Se penso um momento,  
Se juro ofendida meus ferros quebrar:  
Rebelde meu peito, mais ama querer-te,  
Meu peito mais ama de amor delirar.  
(REIS apud MORAIS FILHO, 1976, s.p.)

## Referências

LOBO, Luiza. Autorretrato de uma pioneira abolicionista. In: \_\_\_\_\_. **Crítica sem juízo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993, pp. 222-238.

MORAIS FILHO, Nascimento. **Maria Firmina, fragmentos de uma vida**. São Luís: Governo do Estado de Maranhão, 1975.

TELLES, Norma. **Encantações: escritoras e tradição literária no Brasil, século XIX**. 1987. Tese. PUC-SP, São Paulo, 1987.

MUZART, Zahide. “A questão do cânone”. **Anuário de Literatura** 3, 1995, pp. 85-94.

ZIN, Rafael. “Maria Firmina dos Reis: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista”. Dissertação. PUC-SP, São Paulo, 2016.